

O FANTÁSTICO CÔMICO

Graziela Belotto

“...Entre os que tiveram tentado ler até o fim estas páginas, muitos fecharão os livros insatisfeitos e perplexos, perguntando-se se os levei a passear pelos fatos, pela metafísica ou pelo sonho.”

(Teilhard de Chardin)

Resumo: A leitura da obra *Todas as cosmicômicas* se apresenta como um extenso painel, em que cada conto é uma diferente peça de quebra-cabeça capaz de proporcionar, ao fim do texto, um retrato poético sobre a origem do universo. A partir da análise do conto *Ao nascer do dia*, pretendo demonstrar o caráter cômico criado por Ítalo Calvino e a dificuldade de classificação dessa característica dentro dos conceitos de Literatura Fantástica, que resultaram na criação de um novo gênero fantástico.

Palavras-chave: Ficção científica. Cômico. Literatura fantástica. Literatura italiana.

Abstract: Reading the tales *Todas as cosmicômicas* shows itself as an extensive panel, where each tale correspond a different piece of puzzle able to provide, at the end of the text, a poetic portrait about the origin of the universe. I intend to demonstrate, in this analysis of the short story *Ao nascer do dia*, the comical feature created by Ítalo Calvino and the difficulty to classify this characteristic within the concepts of Fantastic Literature, as a result of a new fantastic genre.

Keywords: Science fiction. Comical. Fantastic literature. Italian literature.

1 Ao nascer do dia

Desde o século XIX, a ficção científica tem contribuído para o nosso imaginário fantástico. A extrapolação sobre os fatos e princípios científicos foi tema de importantes obras literárias e memoráveis películas do cinema. É um subgênero que permanece através do tempo porque revisita questionamentos sobre a condição humana e fomenta a nossa ambição de permanência. Entretanto, é surpreendente observar que essas ficções tragam quase sempre o olhar direcionado ao futuro, próximo ou distante (FILKER, 1985, p. 52). Não seria realmente original se conseguíssemos recontar a nossa própria história a partir das peripécias mais remotas? E aqui não me refiro às histórias de passados alternativos como em *O homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick (FILKER, 1985, p. 52), mas de uma narrativa contada em um tempo em que o próprio tempo ainda

não existia. Pois Ítalo Calvino comprou essa ideia e inovou ao retratar o processo de formação do Sistema Solar por meio de uma divertida analogia sobre a vida em família.

Existem, ao todo, cinco teorias que explicam a origem do Sistema Solar, sendo que a mais aceita pelos cientistas é a Teoria Nebular moderna — baseada na teoria original de Laplace¹ em que o Sol e seus planetas foram formados quase simultaneamente. No entanto, é desta última, a Teoria Nebular antiga desenvolvida por Laplace, que o autor se utilizou. Trata-se da hipótese de que o Sistema Solar teria se originado há cerca de 4,6 bilhões de anos a partir de uma vasta nuvem de gás e poeira — a nebulosa. Esse processo se deu em quatro passos: 1) a morte de uma estrela (ou de várias estrelas) deu origem a uma nuvem de poeira e gás (a nebulosa); 2) pela ação da gravidade, as partículas se aglomeraram, formando corpos cada vez maiores; 3) a matéria gasosa se condensa, dando origem a estrelas e planetas, cujas gravidades são tão fortes que entram num processo de fusão e superaquecimento; 4) o Sol, por ser maior, emite luz e, por ter sido a primeira estrela, localiza-se no centro da nebulosa, onde o excesso de gravidade permite a órbita dos demais em torno de si, formando um gigantesco disco.

Com maestria, Calvino soube se apropriar desse pano de fundo, como podemos analisar no enredo (GANCHO, 2006, p. 8) de *Ao nascer do dia*, conto que compõe a obra *Todas as cosmicômicas*:

Exposição: uma família formada por doze integrantes (ou doze partículas) vive na parte interna da nebulosa, no período inicial de transformação do sistema solar. Ali é onde dormem, esperam (por algum tipo de mudança), conversam e sentem coceira.

Complicação: dá-se início a uma série de mudanças na nebulosa, o que ocasiona perda e despedida de familiares.

Conflito 1: vovó Bb'b acusa Qfwfq pelo sumiço de sua rosca.

Conflito 2: todos da família percebem a mudança, menos Qfwfq; a nebulosa entra em condensação, permitindo que as crianças possam brincar com a matéria; senhor Hnw afunda-se na nebulosa.

Desenlace 2: senhor Hnw é resgatado por Qfwfq e familiares.

Conflito 3: os gêmeos desaparecem.

¹A Teoria Nebular antiga foi sugerida em 1755 pelo filósofo alemão Immanuel Kant e desenvolvida em 1796 pelo matemático francês Pierre-Simon Laplace no livro *Exposition du Système du Monde*.

Desenlace 1 e 3: Qfwfq “caminha” pela nebulosa à procura dos irmãos e acaba encontrando-os, depois de muitos tropeços, além da rosca de vovó Bb'b — que se encontrava num esconderijo dos gêmeos.

Conflito 4: os três tios se despedem e vão embora.

Clímax: o núcleo da nébula dá origem ao Sol, com todos os planetas girando ao redor de si.

Conflito 5: G'd(w)ⁿ é arrastada para a matéria da Terra em condensação.

Desenlace 5: Qfwfq diz que ela é encontrada em Camberra, em 1912, casada com ferroviário aposentado chamado Sullivan.

Desfecho: a família arde em chamas douradas e azuis que proporcionam uma sensação de felicidade e liberdade.

Para tanto, Calvino utilizou-se de técnicas capazes de criar derrisão e fantasia.

2 Derrisão cosmológica

O estranhamento já começa na escolha de nomes feita pelo autor; criações como sr. Hnw, G'd(w)ⁿ ou Qfwfq pipocam nas linhas causando uma perturbação tanto pela originalidade na criação como pela incapacidade de sua pronúncia. O leitor, então, vê-se dentro de uma experiência lúdica na qual é forçado a inventar possibilidades de pronúncia ou imaginar o inexprimível para dar continuidade à leitura. É importante observar que a composição não possui nenhuma origem etimológica, suas formas recordam siglas ou fórmulas de elementos químicos. Dessa forma, a criação infere um caráter cômico aos nomes próprios, uma vez que desprovidos de lógica e significado, tornam-se cômicos (PROPP, 1992, p. 131), e são coerentes aos personagens, que nessa análise são interpretados como partículas — visto que a história se passa num tempo que antecede a existência humana e planetária, justificando sua denominação insólita e extraterrena.

Ao todo, são doze as personagens da narrativa: Qfwfq, os pais, vovó Bb'b, três tios, o sr. Hnw, Rwzfs, G'd(w)ⁿ e os gêmeos. Apresentados logo nas primeiras linhas, intrigam o leitor que se pergunta: “Por que algumas personagens têm nomes tão peculiares, enquanto outros permanecem anônimos?”. A resposta parece estar na complexidade e na importância que cada um tem na trama.

Vovó Bb'b apresenta alguns traços distintos que são ressaltados por Qfwfq ao longo da narrativa:

Continuava a acreditar que a matéria estava em expansão uniforme e, por exemplo, que bastava deixar a imundície ali de qualquer maneira que ela iria rarefazer-se e desaparecer ao longe. Não lhe entrava na cabeça que o processo de condensação já havia começado há algum tempo [...]. (CALVINO, 2007, p. 29)

Assim, temos a recriação da figura do idoso; aquele sujeito que se vê obsoleto diante dos parentes e já não consegue se desprender dos velhos hábitos, exalta as memórias, põe o passado à frente do presente para firmar-se no próprio orgulho. Essa leitura é reafirmada quando o Sol começa a emitir radiações, ocasionando uma série de transformações que vovó Bb'b rejeitava; e assim, vendo-se contrariada, passa a assumir uma atitude variável entre a indiferença e a impertinência:

[...] a princípio quis bancar a indiferente, a pessoa para quem tudo o que ocorre é perfeitamente natural; depois, como se não lhe dêssemos a devida atenção, começou a rir, e apostrofar-nos: Seus ignorantes...Ignorantões... (CALVINO, 2007, 34-35)

É apegada, também, aos seus objetos. Possui uma rosca que segundo Qfwfq “teria desenfurnado dos primeiros cataclismos do universo, trazendo sempre consigo, para sentar-se em cima, mas que, na grande noite, acabou perdendo-se, fazendo dele (Qfwfq) o suspeito de furto” (CALVINO, 2007, p. 29). Essa amálgama de características psicológicas, sociais e morais fazem de vovó Bb'b uma personagem redonda (GANCHO, 2006, p. 21-24) em complexidade. Parece-nos correto que tenha um nome, sua existência pede por isso.

G'd(w)ⁿ é a irmã de Qfwfq, Rwfzs e de seus outros dois irmãos gêmeos, possui personalidade introvertida, preferindo isolar-se no escuro a ficar com a família, pois é onde sonha e brinca com a matéria. É admirada por Qfwfq pela sua capacidade inventiva e sonhadora; por meio de suas palavras, convence-nos de que ela é a única personagem tranquila com a situação a qual estão expostos: “[...] ela contemplava a escuridão, deixava escorrer em finas cascatas de fina poeira, cantarolava e se entregava — adormecida ou desperta — aos sonhos” (CALVINO, 2007, p. 27). No decorrer da narrativa, ela acaba sendo sugada pela gravidade, fato que sugere uma abordagem filosófica. Qfwfq conta-nos que “ela ficou presa na zona sólida do planeta (Terra), não sabendo se ela havia sido morta ou se teria conseguido se salvar; porém, acaba sendo encontrada por ele em Camberra, em 1912, casada com um certo ferroviário, tão mudada que ele quase não havia a reconhecido” (CALVINO, 2007, p. 35). Ao realizar um avanço tão brutal no tempo, podemos pensar que Calvino estivesse querendo nos

fazer refletir a respeito do tempo e do espaço. Árvores, plantas e animais são compostos da mesma matéria, pó estelar, que há bilhões de anos constituíram a Terra e que permanecem no Cosmo, seja em repouso ou em constantes transformações. Dentro dessa ótica, parece razoável admitir a variabilidade do tempo, assim como a forma física que essas personagens possam vir a adquirir. A família toda é, na verdade, poeira cósmica; são partículas que iniciam aglomerados numa nebulosa, mas que se tornam organismos vivos depois, de forma que nenhum deles perde a identidade.

Essa sugestão também é encontrada de forma cômica na apresentação do sr. Hwn. A sua descrição é das mais breves; restringe-se a uma menção da sua vida futura, não explicada de todo: “[...] sr. Hnw aquele que depois virou cavalo [...]” (CALVINO, 2007, p. 26). Os ilogismos presentes nessa frase, assim como o rebaixamento da personagem ao nível do animal, provocam o riso (PROPP, 1992, p. 68), mas também suscitam a transfiguração corpórea a qual as personagens estão sujeitas. Afora isso, poderíamos interpretá-lo como um sujeito trapalhão, por ficar frequentemente afogado ou preso de cabeça para baixo na nebulosa; no entanto, nada que outras personagens também não estivessem sujeitas devido às transformações do Sistema Solar.

Rwzfs foi o primeiro a brincar com a matéria sólida que surgiu na nebulosa, conferindo-lhe o apelido de “Rwzfs de níquel” (CALVINO, 2007, p. 28). É exagerado e lerdo, como diz o próprio irmão: “lerdo, não nego, mas não do tipo metálico, muito menos ainda do tipo coloidal” (CALVINO, 2007, p. 28), pois se casou muito jovem e escolheu como esposa uma das primeiras algas que surgiram no universo, não sabendo mais nada a seu respeito. Nesse trecho, quando Qfwfq se refere ao irmão como sendo “lerdo, mas não do tipo metálico e muito menos do tipo coloidal” ou que ele ganhara o apelido de “Rawzfs de níquel”, temos a evocação do *corpus* espacial que torna a representação possível. Essa utilização de termos científicos por parte do autor também imprime caráter satírico à profissão do cientista, ainda que não esteja representada pelas manifestações exteriores (PROPP, 1992, p. 79).

Qfwfq é o narrador, um contador de histórias. Sugere o papel do sábio, aquele que desvenda os mistérios e relata-os por meio de mitos para sua tribo ou, ainda, o papel de um simples avô amoroso cuja visão poética permeia os relatos da vida para seus bisnetos, tendo uma forma física altamente variável de acordo com a temporalidade de cada episódio; uma versatilidade que torna a existência dele e as das demais personagens um tanto imprecisas, porém ricas em sugestão. Entretanto, essa complexidade só pode ser compreendida na leitura dos demais contos que compõem a

obra, pois cada conto parece ter uma existência codependente — a compreensão é captada pela ótica das personagens e pelo cruzamento da temporalidade que varia a cada história. Por exemplo, em *O tio aquático*, N'ba N'ga é o tio-avô peixe de Qfwfq; orgulha-se das próprias barbatanas e menospreza as novas “gerações anfíbias” que, em oposição, demonstram os primeiros sinais de uma vida terrestre com o surgimento da cauda e das patas traseiras. Trata-se de uma bela metáfora sobre o conflito de gerações representado pela fase proto-anfíbia de 500 milhões de anos atrás. No entanto, se essa forma física se mantém, noutro segundo se esvai, como observado em *Sem cores*. Nesse conto, temos Ayl, figura enigmática e objeto de desejo do protagonista, cuja forma física é reduzida a uma substância, uma espécie de relâmpago incolor que desaparece e reaparece num átimo. Tal característica transporta o leitor para um período que antecede a vida na Terra, num tempo em que a finitude não existe, e que a própria existência se dá nas menores porções da matéria, em nível de partículas. Temos, então, uma nova metáfora — dessa vez sobre os percalços de uma relação amorosa malsucedida —, e um novo narrador que, de uma página para outra, transfigura-se, de anfíbio retorna para uma forma primordial de energia; e assim, sucessivamente, ora retrocede ora avança no tempo, revelando-se como uma personagem-símbolo (MOISÉS, 1998, p. 13-14).

E o que dizer, então, sobre aquelas que não tiveram a força de um nome? Entre as personagens anônimas, os tios, certamente, são os mais trabalhados: “Uma tia e dois tios, os três compridos e idênticos”, cujo parentesco Qfwfq não sabe relatar; num átimo de insegurança ou impaciência, talvez, despedem-se do resto da família — como quem tivesse um urgente compromisso —, pois eram embaraçados demais para terem ido embora mais cedo, segundo a reflexão de Qfwfq. São personagens planas e caricatas, não trazendo quaisquer características além do seu aspecto risível encontrado no caráter da duplicação. Isso porque, por serem idênticas em seu aspecto físico, somos levados a concluir que são idênticas também em seu aspecto espiritual, ou seja, não têm diferenças individuais interiores (MOISÉS, 1998, p. 55-56).

Caso particular é dos gêmeos que têm papel importante no enlace e desenlace de conflitos. São eles que motivam a ação na narrativa, pois forçam Qfwfq a procurá-los e, quando os encontra, é revelada também a rosca perdida da avó Bb'b — e que não poderia ser outra coisa além de um montante de matéria condensada com um furo no meio. Ao contrário dos tios, sua semelhança não provoca o riso, pois esse defeito não surge como uma repentina e inesperada descoberta (MOISÉS, 1998, p. 56).

E, quanto à mãe e ao pai, por muito pouco não perderam a função de personagens; graças a uma ou duas palavras de descrição, Ítalo preservou a mãe: “hipersensível e bastante avançada em anos, a posição em que se encontrava não era das mais indicadas para os nervos” (CALVINO, 2007, p. 28). Preocupados com o desaparecimento dos filhos e repreensivos no que diz respeito ao mau comportamento da avó, pai e mãe representam bem seus papéis. Escassos, portanto, de personalidade e até mesmo de ação dentro da narrativa, não possuem um nome, não há necessidade. O nome das personagens de Ítalo Calvino está diretamente relacionado com a sua força e complexidade.

Esse painel mostra-nos personagens peculiares e ao mesmo tempo facilmente identificáveis no espectro familiar. Afinal, quem nunca teve um tio distante e que ninguém conhece? Ou um irmão meio lerdo, uma irmã criativa e sonhadora ou uma avó meio caduca? E quem nunca se sentiu o último a saber de tudo, como o velho Qfwfq? Entretanto, a abordagem é nitidamente cômica, porque traz detalhes insólitos para a caracterização das personagens que beiram o absurdo. A rosca de Bb'b, por exemplo, faz parte do aglomerado de objetos impensáveis, assim com os nomes sem origem definida e as resoluções de algumas personagens quando apresentadas sob a ótica do tempo futuro.

3 Uma nota sobre o tempo

Do ponto de vista da história, *Ao nascer do dia* trabalha principalmente com o conceito de tempo físico (NUNES, 2008, p. 18-19), posto que as personagens pertençam ao espaço cósmico e desconhecemos suas estruturas físicas. Essa análise é crucial para a leitura de *Todas as cosmicômicas*, que é, por si só, um convite à abstração do tempo, em que o leitor permite-se fugir da ótica temporal humana para recordar os passos da sucessividade cosmológica que antecederam a nossa própria existência e, assim, transcender o passado, o presente e o futuro. Como mencionado na análise das personagens, G'd(w)ⁿ e senhor Hnw são bons representantes dessa abordagem filosófica a respeito do tempo. Como G'd(w)ⁿ fora engolida pela matéria condensada da Terra, pressupõe-se que suas moléculas tenham se misturado, permitindo que, no futuro, surgisse uma mulher feita da mesma composição, encontrada em Camberra, em 1912, casada com um ferroviário aposentado. É importante ressaltar a técnica de Calvino que,

nesse ponto da história, dá um salto de bilhões de anos até alcançar o tempo histórico (NUNES, 2008, p. 21), cuja data e localidade são precisas. O mesmo vale para o sr. Hwn, cujo destino foi um pouco diferente: acabou tornando-se um cavalo. O tempo psicológico (NUNES, 2008, p. 18-19) também tem sua vez, quando Qfwfq anuncia: “Perguntei-me reiteradas vezes em seguida por que motivo minha primeira reação foi a de recriminar nossa avó” (CALVINO, 2007, p. 29). Em seguida, o protagonista discorre a respeito da personalidade dela, quando passamos a conhecer uma senhora orgulhosa que, ainda presa ao passado, não admitia novas especulações a respeito do Cosmo. Para justificar-se, portanto, ele recorre à memória, uma subjetividade característica da psique humana. E, por fim, há um “tempo cronológico” (NUNES, 2008, p. 20), identificado na última frase do conto: “Mas em vez disso, a Terra tinha apenas dado uma de suas voltas habituais. Era a noite. Tudo estava apenas começando” (CALVINO, 2007, p. 36). Nesse caso, há uma leitura precisa, é a passagem de 12 horas ou a metade de um dia na Terra e que, dentro do conto de Ítalo Calvino, sugere o momento de origem do nosso planeta, as primeiras transformações, os milhares de anos que permaneceu quente e depois de muitos anos esfriou, dando espaço para o surgimento de diversas formas de vida.

No plano do discurso, o autor se utiliza de dêiticos temporais como “horas” ou “um dia” apenas para dar uma noção de tempo hipotético, a fim de que o leitor situe-se melhor dentro da história. Afinal, na própria introdução do conto, Qfwfq explicita a inexistência de um tempo cronológico: “Não tínhamos como calcular o tempo: todas as vezes que me punha a contar as voltas da nebulosa surgiam contestações, dado que no escuro não dispúnhamos de pontos de referência; e acabávamos brigando. Assim preferiríamos deixar os séculos correrem como se fossem minutos” (CALVINO, 2007, p. 26). E que só passaria a existir no final do conto, como já explicitado. Ainda assim, vale observar a velocidade com que é transmitida essa passagem do tempo. O ritmo é muito acelerado, transcendendo a nossa percepção de tempo.

4 A cosmogonia fantástica

Dentro da classificação de subgêneros do fantástico, elaborada por Todorov, a que mais se aproxima do conto de Calvino é o fantástico maravilhoso puro. Por fantástico, compreendemos fenômenos sobrenaturais, que fogem das leis naturais, e em que prevalece a hesitação quanto à explicação desses fenômenos (TODOROV, 2004, p.

29-46). Para falar sobre o “fantástico maravilhoso puro” Todorov explica primeiro o “fantástico maravilhoso” (TODOROV, 2004, p. 58), que é, em linhas gerais, a aceitação dos eventos sobrenaturais o que sugere realmente a existência do sobrenatural. Esse subgênero divide-se ainda em algumas variedades, as quais o próprio autor denomina “variedades de maravilhoso desculpado”, pois são justificados e, por isso, imperfeitos: “o maravilhoso hiperbólico”, em que o sobrenatural aparece dentro das dimensões; o “maravilhoso exótico”, quando a história se passa num local desconhecido, tornando-o imune a questionamentos do sobrenatural; o “maravilhoso instrumental”, quando objetos em geral assumem novas habilidades sobrenaturais; e o “maravilhoso científico”, que explica “cientificamente” efeitos sobrenaturais (TODOROV, 2004, p. 58-63). A todos esses, opõe-se o “maravilhoso puro” que não se explica e cujos elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular, pois o que o caracteriza é a própria natureza dos seus acontecimentos. (TODOROV, 1992, p. 63). Para explicar esse conceito, Todorov recorreu a uma frase da obra *Le Miror du Merveilleux*, de Pierre Mabilille:

Para além da satisfação, da curiosidade, de todas as emoções que nos dão as narrativas, os contos e as lendas, para além da necessidade de distrair, de esquecer, de buscar sensações agradáveis ou terrificantes, a finalidade real da viagem maravilhosa é, já estamos em condições de compreendê-lo, a exploração mais total da realidade universal. (MABILLE, 1962 apud TODOROV, 2004, p. 24)

Entretanto, será que há sobrenatural nesse conto? Afinal, ele se utiliza de termos e conhecimentos científicos que já foram comprovados, conhecemos a cosmologia e ela é tal como o autor narra, diferindo apenas pela inclusão de personagens – também facilmente classificáveis dentro de uma concepção realista, pois não seriam elas poeira cósmica? Nesse caso, uma poeira cósmica que possui consciência, tal qual afirmou Teilhard de Chardin em sua obra *O fenômeno humano*.

Segundo Silva, o teólogo e filósofo sustentava a ideia de que teria existido vida antes da vida, uma Pré-Vida, que teria permitido a evolução para formas mais complexas, de modo que, muito antes da concepção da Terra e das suas formas biológicas, o universo já possuía todas as condições necessárias para a formação da vida, uma vez que era encontrada, nessa Pré-Vida, uma espécie de consciência da matéria (SILVA, s/d, p. 2). Em seguida, a Vida seria o primeiro estágio de um simples processo evolutivo (da pré-vida à célula; da célula ao pré-vertebrado; do pré-vertebrado ao vertebrado; do vertebrado à evolução do cérebro; da evolução do cérebro aos

mamíferos; dos mamíferos aos primatas) (SILVA, s/d, p. 4-5) e o Pensamento apenas mais um gigantesco passo de todo esse processo. Para Chardin, o momento em que a célula se tornou alguém foi tão decisivo que transformou drasticamente a história da evolução, pois acrescentou à Biosfera (camada de vida da Terra) a Noosfera (camada pensante da Terra), fazendo surgir uma “Nova Era” para o universo: “Do grão de Matéria, depois do grão de Vida, eis o grão de Pensamento enfim constituído”² (SILVA, s/d, p. 5-6).

O autor acredita que o processo evolutivo ainda está acontecendo e ainda tem um longo caminho até atingir o seu ponto máximo, aquele em que o homem, unido a outros homens e dotado de novas motivações, será capaz de uma evolução muito maior do que a primeira, o que resultaria numa sociedade centrada, unida e em rumo à ascensão da mais pura consciência, um lugar de profundo amor. Na obra, ele também cita possibilidades alternativas para o fim escatológico do mundo, mas afirma que qualquer previsão, dado o atual momento histórico, seria prematura, pois como cientista ele crê que a ciência tem muito a revelar e muito a aprender, principalmente com a religião³ (espiritualidade) para ser mais humana (SILVA, s/d, p. 6-8).

Em sua época, católicos e cientistas recusaram a teoria, talvez por ter sido considerada uma afronta à tentativa de união entre teologia e ciência, já que fora acusado de místico pelos cientistas e teve seus textos e práticas jesuíticas proibidas pela Igreja Católica. Entretanto, o que Chardin propôs não foi de todo delirante, uma vez que o próprio Gênesis⁴ traz elementos de interpretação do Panteísmo Cósmico,⁵ como observa o autor na obra: “O homem não precisou do microscópio, nem da análise eletrônica, para presumir que vivia de poeira e por ela sustentado”⁶.

Temos, portanto, uma amálgama narrativa em que cosmologia se confunde com cosmogênese tanto na obra de Calvino como na de Chardin. Uma mistura que, em *Todas as cósmicas*, acrescenta um toque levemente mítico, como se Calvino estivesse recontando as nossas origens à sua própria maneira. Essa brincadeira pode ser observada pelo uso que ele faz do espaço, ainda na abertura do texto: “Sobre a nebulosa, creio que já contei várias vezes, nos sentíamos como que deitados [...]” (CALVINO,

² (CHARDIN, s/d, p. 191).

³ Ele acredita na união entre ciência e religião.

⁴ “Mas, além de pó da terra (adama) somos, antes, poeira de estrelas.” (Gn. 03:19)

⁵ Crença de que Deus e o Universo manteriam uma relação dinâmica de progressiva evolução.

⁶ (Op. cit. p. 42).

2007, p. 26). Assim, Qfwfq, feito Homero, narra simulando oralidade e recorre à memória do leitor-ouvinte como se ele já estivesse familiarizado com a história. O que pode de fato ocorrer, pois, se o leitor tiver conhecimentos de Física, torna-se imediatamente capaz de prever a trama. Ademais, Calvino teve o cuidado de criar pequenos trechos explicativos a respeito desses fenômenos físicos que antecedem cada uma de suas “cosmicômicas”, permitindo a compreensão de seus contos até mesmo pelo leitor mais leigo:

Os planetas do Sistema Solar, afirma G. P. Kuiper, começaram a solidificar-se nas trevas pela condensação de uma fluida e informe nebulosa. Tudo era gelado e escuro. Mais tarde o Sol começou a concentrar-se até que se reduziu quase às suas dimensões atuais, e nesse esforço a temperatura subiu, elevou-se à milhares de graus se pôs a emitir radiações no espaço. (CALVINO, 2007, p. 26)

Afora isso, o espaço somado à narrativa de ambientação dissimulada (DIMAS, 1987, p. 26) apresenta animismo a partir do momento em que o pai de Qfwfq anuncia o primeiro sinal de mudança: “[...] Eu estava cochilando e seu grito despertou-me: — Atenção! Algo está nos tocando! Embaixo de nós a matéria da nebulosa, fluida como sempre havia sido, começava a condensar-se” (CALVINO, 2007, p. 27). Essa característica se mantém na narrativa, sugerindo ao Espaço uma personalidade agressiva, visto que as demais personagens sofrem com as transformações cósmicas: “Mas a superfície terrestre se coagulava cada vez mais num invólucro poroso, e meu irmão Rwzfs, que conseguira enfiar a cabeça numa greta, por pouco não acabou estrangulado” (CALVINO, 2007, p. 35). Dessa forma, seu comportamento caótico, outrora devastador, mostra seu potencial de conversão, uma vez que a narrativa termina com a transformação das personagens, numa perfeita descrição da alteração dos seus compostos químicos:

E meu pai também, e minha mãe, e eu próprio, todos nós ardíamos no fogo. Ou melhor, não ardíamos, estávamos como que imersos numa floresta deslumbrante, as altas chamas se erguendo acima da superfície do planeta, numa atmosfera de fogo na qual podíamos correr e planar e voar, tanto que nos sentíamos invadidos por uma nova alegria. (CALVINO, 2007, p. 36)

A lei geral do sacrifício regenerador é uma característica comumente encontrada nas cosmogonias e simbolicamente representada pelos combates entre deuses. Pois dar forma a uma matéria é participar da energia primordial para modificá-la e não há progresso sem destruição, a ordem e a vida só nascem do caos e da morte. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 296). Porém, talvez para manter a

ambiguidade entre cosmologia e cosmogênese, Calvino tenha preferido descrevê-la a representá-la simbolicamente.

Em suma, podemos dizer que o conto se apresenta como uma narrativa sacra, seja por meio da racionalização do divino, seja por meio da sacralização do racional:

A cosmogonia é modelo exemplar de toda espécie de fazer. Não só por ser o Cosmo o arquétipo ideal ao mesmo tempo de toda a situação e de toda a criação, mas por ser uma obra divina. O Cosmo é, então, santificado na sua própria estrutura. Por extensão, tudo o que é perfeito, pleno, harmonioso, fértil, em uma palavra, tudo o que é concebido como um cosmo, tudo o que se parece a um cosmo, é sagrado. Fazer bem-feita qualquer coisa, obrar, construir, estruturar, dar forma, informar, formar, tudo isso que se resume em dizer que se faz com que alguma coisa comece a existir, que se dá vida a alguma coisa e, em última instância, que se faz com que alguma coisa se assemelhe ao organismo harmonioso por excelência, o Cosmo. Ora, o Cosmo, não custa repetir, é a obra exemplar dos deuses, é a sua obra-prima. (ELIADE, 1963, p. 474-475)

Poderíamos classificar o conto como “maravilhoso puro” que, ao contrário do “maravilhoso científico”, não se explica, visto que em muitos dos contos da obra e, principalmente em *Um sinal no espaço*, Calvino tornou difícil determinar o espaço e o tempo nos quais as personagens estão inseridas, medidas que são exatas dentro da Física. No entanto, por apresentar características cômicas, o escritor preenche a lacuna das teorias todorovianas ao inventar com as suas “cosmicômicas” um novo subgênero fantástico: o maravilhoso cômico.

Referências

CALVINO, Ítalo. *Todas as cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. (Tradução e notas: José Luiz Archânjo, Ph. D.) São Paulo: Cultrix, s/d.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987.

ELIADE, Mircea. *Les danses sacrées*. In: CAZENEUVE, Jean. *Sources Orientales, VI*. Paris: Éditions du Seuil, 1963.

FILKER, Raul. *Ficção científica — Ficção, ciência ou uma épica da época?* Porto Alegre: L&PM, 1985.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2007.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. v. 1. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2008.

PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, Clademilson F. P. da. Resenha do livro: CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O Fenômeno Humano*. (Tradução e notas: José Luiz Archanjo, Ph. D.) São Paulo: Cultrix, s/d. Disponível em:
<http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Resenha_03_01.pdf>. Acesso em: 22 out. 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.